

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 6 – Discipulado Cristão na Carta aos Gálatas

Gálatas 5 e 6

Elaborado por Solange Livio
slivio@ibest.com.br

“Ó insensatos, gálatas! Quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo foi já exposto como crucificado?”(Gálatas 3:1)

Certamente nenhum de nós gostaria de ser incluído nesta admoestação tão veemente, dirigida aos crentes das igrejas da Galácia. A fim de evitá-la, a própria carta aos Gálatas muito nos ajuda, uma vez que nela encontramos preciosos ensinamentos para os discípulos de Jesus Cristo.

Uma breve introdução sobre esta epístola facilitará a nossa compreensão sobre o seu conteúdo, em especial os capítulos 5 e 6 que estaremos examinando.

A carta foi escrita entre os anos 48 a 53 da era cristã, em caráter de urgência e por motivos graves. Os crentes da Galácia estavam prestes a se desviar do Evangelho de Cristo para um outro suposto evangelho, que de fato evangelho não era.

Mestres judaico-cristãos, oponentes de Paulo, haviam procurado convencer aqueles gálatas convertidos ao Evangelho de Cristo que, por serem gentios, deveriam ser circuncidados (Gálatas 5:2-6; 6:12-15), observar o calendário judaico (Gálatas 4:6) e, possivelmente, também a dieta dos judeus. Insistiam que, além da fé em Cristo, deveriam cumprir o ritual da lei para alcançarem a salvação. Um ensinamento deturpado, que misturava graça e lei.

Ao tomar conhecimento do que estava se passando, o apóstolo Paulo depressa escreveu às igrejas da Galácia, enfatizando que todo aquele que pregar ensinamentos de um evangelho diferente deve ser considerado maldito, ainda que fosse ele, ou até mesmo um anjo, tal pregador. Dito isto, passou aos devidos esclarecimentos.

Neste ponto, aprendemos uma lição que não devemos jamais esquecer, sob pena de nos desviarmos do caminho da salvação: **só há um Evangelho**. Único e suficiente para salvar o pecador. É o Evangelho de Jesus Cristo, que *“é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê”* (Romanos 1:16). Quer sejam judeus, quer sejam gentios, a verdade é única: **só Jesus Cristo salva**. O que passa disso, evangelho não é.

Então, na carta aos Gálatas, Paulo dá ênfase marcante a dois assuntos: a cruz de Cristo e a fé, chegando a citar as palavras de Habacuque 2:4 que diz: *“o justo viverá pela sua fé”* (Gálatas 3:11).

O sacrifício expiatório de Cristo na cruz é suficiente para salvar o pecador, provém da graça de Deus e liberta o homem para sempre da necessidade de procurar a salvação por meio de boas obras e do cumprimento da lei, o que é impossível. A lei não pode salvar, tão pouco as boas obras. Se assim fosse, o sacrifício de Cristo teria sido inútil. Confiar na lei ou em boas obras para salvação é o mesmo que sa ir da liberdade do Evangelho e colocar-se sob a escravidão da lei.

Contudo, a liberdade que o Evangelho da graça nos concede não equivale a licenciosidade. A graça de Deus não deve ser compreendida como permissão para o pecado. Isso seria torná-la vã, de acordo com 2 Coríntios 6:1-3. O pecado, tal como a lei, escraviza o homem, conforme lemos em Romanos 6:16. Portanto, liberdade sim, libertinagem não.

Não devemos esquecer que a morte expiatória de Cristo em nosso lugar não somente nos desobriga do cumprimento da lei, mas também nos retira do mundo corrupto e nos coloca no reino de Deus.

A liberdade está limitada pelo amor. É assim que lemos: *“Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade: porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor”* (Gálatas 5:13). A mais alta expressão da liberdade cristã não está no desenfreamento, mas no amor fraternal.

A partir daí, a carta aos Gálatas apresenta dois tópicos que todo discípulo cristão deve manter gravado na mente e no coração: são as obras da carne e o fruto do Espírito. Eles são opostos entre si; um milita contra o outro.

O segredo da vitória do cristão está no verso 16: *“Andai pelo Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne”*.

Três palavras desse texto merecem a nossa atenção. Reconhecer o sentido com que foram empregadas ajudará na compreensão do que está sendo ensinado.

- **Andai** – Significando o viver da vida diária.
- **Carne** – Nesse contexto, a palavra não se refere ao corpo físico, como se fosse ele a sede do pecado. Prova disso é que alguns dos pecados listados

nas obras da carne são essencialmente espirituais, sem o envolvimento do corpo. Carne, aqui, significa natureza do homem sem o domínio do Espírito Santo.

- **Espírito** – Ao que indica trata-se do Espírito Santo, que habita o coração do homem convertido a Cristo; o sentido, então, é andar guiado pelo Espírito. Alguns consideram a possibilidade de se tratar da nova natureza espiritual do crente, gerada pelo Espírito de Deus. De uma forma ou de outra, há a participação do Espírito Santo guiando a vida do cristão.

Carne e Espírito são antagônicos e, por isso, o conflito é permanente. Se dermos lugar à carne haverá fracasso espiritual; se andarmos pelo Espírito, a vitória está garantida.

As obras da carne, produzidas pela força própria do homem, são prostituição, impureza, lascívia, idolatria, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedeiras, glotonarias. O resultado é trágico: não herdarão o reino dos céus os que praticam tais coisas, diz o texto de Gálatas.

O fruto do Espírito, no singular porque diz respeito à atuação do Espírito Santo em nós, é composto por nove elementos: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio.

A exortação final que este texto da Palavra de Deus nos faz é a seguinte: *“Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito”* (Gálatas 5:25).

Que sejamos nós discípulos de Cristo que vivem e andam no Espírito, sem a cobiça de vanglórias.